

A Reestruturação Produtiva relacionada com a formação e a ocupação de Rio das Ostras, RJ

The Restructuring Process related to formation and occupation of Rio das Ostras, RJ

Maria Laura Monnerat Gomes*
Luiz de Pinedo Quinto Junior**

Resumo

Este artigo aborda a formação e a ocupação de Rio das Ostras durante o período compreendido entre 1950 e 2007. A dinâmica demográfica da área de estudo é bastante peculiar, se a compararmos com a cidade do Rio de Janeiro, sofrendo profundas modificações, principalmente, durante as últimas três décadas do século XX, com a descoberta de petróleo na Bacia de Campos. A formação e a ocupação do território de Rio das Ostras estão diretamente ligadas aos ciclos econômicos da Bacia de Campos.

Palavras-chave: Rio das Ostras. Crescimento Demográfico. Distribuição da População.

Abstract

This article is about the foundation and the occupation of Rio das Ostras during the period 1950 through 2007. The dynamic demography of the area of study is rather peculiar if compared with the city of Rio de Janeiro, as it underwent deep changes in the last three decades of the XXth century with the discovery of oil in the Campos Basin. The formation and occupation of the territory of Rio das Ostras is directed tied with the economical cycles of the Campos Basin.

Key words: Rio das Ostras. Demographic Growth. Population Distribution.

Introdução

O município de Rio das Ostras (FIG. 1) vem passando por um processo de urbanização bem peculiar, devido a sua inserção, ao mesmo tempo, num contexto turístico (região dos Lagos) e industrial (região de Macaé). O município apresenta uma

* Arquiteta e urbanista. Mestre em Engenharia Ambiental pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, IF Fluminense, Brasil. Graduada em Arquiteta e Urbanismo pela Universidade Federal Fluminense, UFF, Brasil.

** Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo, USP, Brasil. Professor do PPEA do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, IF Fluminense, Brasil. Doutor em Arquitetura e Urbanismo (USP)

superfície de aproximadamente 230,4 km², sendo que sua zona rural localiza-se mais no interior do município, e a zona urbana localiza-se ao longo do litoral. A zona urbana de Rio das Ostras é constituída por três núcleos principais: o núcleo urbano propriamente dito - Rio das Ostras, Rocha Leão e Mar do Norte (PMRO, 2003).

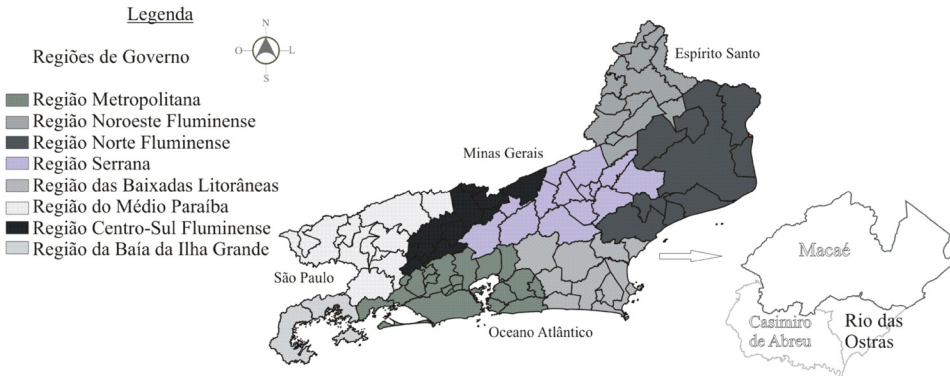


Figura 1: Regiões de Governo e Microrregiões Geográficas do Estado. Destaque para a área de estudo.

Fonte: Fundação Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro - CIDE.

O território de Rio das Ostras começou a ser dividido em loteamentos na década de 1950, voltados principalmente para o turismo. A grande maioria dos loteamentos foi criada na década de 1970, principalmente a partir da descoberta de petróleo na Bacia de Campos, porém a ocupação deles teve seu boom na década de 1990.

O objetivo deste trabalho é resumir as principais tendências demográficas ocorridas durante o período compreendido entre as décadas de 1950 e 1990, e a formação do município de Rio das Ostras, mais precisamente de seu núcleo urbano; contribuindo, desta forma, para uma maior compreensão do processo de crescimento demográfico e consequente urbanização nos municípios da região.

Para o desenvolvimento deste artigo foi realizada uma pesquisa bibliográfica, documental e quantitativa, reunindo dados sobre população, PIB, *royalties* e oferta de empregos da área de estudo.

A Reestruturação Produtiva no Estado do Rio de Janeiro

O processo de formação, ocupação e desenvolvimento do território fluminense foi bastante fragmentado, estando diretamente ligado ao processo de industrialização.

Até o início do século XX há uma concentração industrial na cidade do Rio de Janeiro, devido aos amplos investimentos por abrigar, a princípio a capital da Colônia e, posteriormente, a do Império; e pouca industrialização nos municípios que hoje formam a região Metropolitana do Rio de Janeiro e no interior do Estado (OLIVEIRA, 2008).

Nessa época havia três eixos viários importantes, nos quais ocorriam os investimentos do governo: (i) BR-116 Sul (Rodovia Presidente Dutra); (ii) BR-101 Sul (Rodovia Rio-Santos) e (iii) BR-040 (Rodovia Rio-Juiz de Fora), que ligam a cidade do Rio de Janeiro a São Paulo e a Minas Gerais. As rodovias que ligavam a cidade do Rio de Janeiro ao norte e ao noroeste do Estado eram interrompidas pela Baía de Guanabara, não havendo fluxo que causasse impacto econômico nesse eixo (OLIVEIRA, 2008).

Até a segunda metade do século XX, a região ao norte do Rio de Janeiro apresentava sua população concentrada na zona rural. Segundo Oliveira (2008), os municípios do interior fluminense passaram por um intenso processo de crescimento populacional no final do século XX, devido às políticas federais de integração das principais áreas industriais do país, a partir da década de 1950, visando dinamizar os principais setores industriais, tais como os investimentos em rodovias de ligação do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, com as principais cidades da região Sudeste.

Na TAB. 1 observa-se que, na década de 1950, 80% da população de Rio das Ostras residiam na zona rural, chegando a 83% na década de 1970. Já na década de 1980, há a inversão do local de moradia da população, quando apenas 38% da população residiam na zona rural.

Tabela 1: População residente, por situação do domicílio

Regiões de governo e municípios	1950		1970		1980	
	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana
Campos dos Goytacazes	154.545	83.088	143.110	175.501	145.062	203.399
Carapebus	-	-	-	-	-	-
Cardoso Moreira	-	-	-	-	-	-
Conceição de Macabu	-	-	-	-	-	-
Macaé	38.782	16.091	25.380	39.938	20.699	55.152
Quissamã	-	-	-	-	-	-
São Fidélis	-	-	-	-	-	-
São João da Barra	40.355	4.728	45.912	9.707	33.580	21.017
São Francisco de Itabapoana	-	-	-	-	-	-
Rio das Ostras	2.488	621,00	5.600	1.067	3.890	6.345

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Censo Demográfico, 2000

Em 1974 é construída a Ponte Rio–Niterói e acontece a fusão do estado do Guanabara com o Rio de Janeiro, criando o estado do Rio de Janeiro, favorecendo investimentos públicos no litoral norte fluminense, tais como o início da exploração petrolífera na Bacia de Campos. Destaca-se também o incremento da indústria do turismo na Baixada Litorânea. Outro fator importante para a ocupação do território norte fluminense é a Reestruturação Produtiva, baseada em novos segmentos produtivos e em novas tecnologias. Com investimentos no interior e na região metropolitana do Rio de Janeiro no final do século XX, novos eixos de desenvolvimento foram criados, refletindo diretamente na ocupação e na formação dos municípios. Pode-se destacar a expansão da base universitária e os investimentos na ampliação da produção petrolífera na Bacia de Campos e a ampliação da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda (OLIVEIRA, 2008). Desta forma, há uma intensa transformação nos municípios localizados tanto na região metropolitana quanto no litoral norte fluminense. Há um desenvolvimento do mercado imobiliário e do setor da construção civil, além de impulso da atividade turística, principalmente em Rio das Ostras.

Os ciclos econômicos da Bacia de Campos

Para melhor compreender a formação e a ocupação de Rio das Ostras, deve-se primeiro conhecer os ciclos econômicos da Bacia de Campos. A região da Bacia de Campos passou por três ciclos econômicos, sendo os dois primeiros ligados à produção sucroalcooleira, no século XIX e no início do século XX; e o terceiro ciclo relacionado à exploração e à produção de petróleo e gás, já na segunda metade do século XX, perdurando até hoje (SILVA e CARVALHO, 2004). Os três ciclos econômicos tiveram sua importância na formação e na ocupação de Rio das Ostras, sendo o mais importante o terceiro ciclo.

O primeiro ciclo econômico teve início no século XVI, quando o Brasil foi dividido em capitanias hereditárias, porém o cultivo de cana-de-açúcar não deu certo devido principalmente aos ataques dos índios; ressurgindo na segunda metade do século XVII, com o aumento da demanda no mercado internacional. Já no século XIX há um aumento no consumo interno, com a chegada da família real no Rio de Janeiro, refletindo diretamente na produção no Norte Fluminense. Nessa época, aconteceram importantes obras na região Norte, tais como a construção da Estrada de Ferro e a abertura do Canal Campos–Macaé. Porém no final do século XIX, após a abolição da escravatura, a perda da competitividade da agroindústria açucareira do Norte Fluminense e a alteração do espaço territorial de Campos dos Goytacazes com o surgimento de novos municípios (Macaé, São João da Barra, São Fidélis e Itaperuna), há um declínio na produção açucareira na região (SILVA e CARVALHO, 2004).

O segundo ciclo econômico é marcado por políticas de proteção do governo, tais como o Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) e o Proálcool. Com a criação do IAA, Campos dos Goytacazes se tornou o município de maior produção de açúcar no Brasil (AZEVEDO, 2004). Porém, com a baixa produtividade das lavouras de cana do Norte Fluminense e da defasagem tecnológica no final de 1975, há uma queda do preço do açúcar. Desta forma, a região Norte Fluminense perde a posição de grande produtora do setor sucroalcooleiro. Ocorre uma nova ajuda estatal, o Proálcool. Este permitiu a montagem e ampliação de destilarias para a produção exclusivamente de álcool anidro (AZEVEDO, 2004).

Segundo Azevedo (2004), a partir de 1985, o Brasil passa por um intenso processo inflacionário e ocorre queda do preço do petróleo, não permitindo a continuidade do Proálcool. Desta forma, as usinas no Norte Fluminense começam a fechar, elevando o grau de desemprego na região, marcando o fim do 2º ciclo de crescimento econômico (SILVA e CARVALHO, 2004).

O terceiro ciclo econômico é marcado pela descoberta de petróleo na Bacia de Campos, no início da década de 1970 (PIQUET, 2003). A indústria de exploração e produção de petróleo e gás tem contribuído para a economia e a formação dos municípios fluminenses, a saber: (i) aumento na receita a partir da distribuição de *royalties*; (ii) surgimento de novos municípios a partir da emancipação e (iii) aumento da oferta de emprego.

A partir de 1998, os *royalties* se tornaram a principal fonte de receita dos municípios. Os mais beneficiados pelos repasses foram os municípios litorâneos da Bacia de Campos (TAB. 2). Em 1998 é aprovado o decreto 2.705/98 que altera os critérios de recolhimento e distribuição dos *royalties*. A distribuição passa a ser feita com base em novos critérios de cálculos, resultando em um incremento no valor arrecadado e refletindo na arrecadação do PIB municipal. No período de 1999 a 2000, Rio das Ostras apresentou uma taxa de crescimento do PIB acima de 70%. Segundo IBGE (2005), é um dos municípios com maior PIB *per capita*, ocupando a 6ª posição em relação aos municípios brasileiros.

Tabela 2: Valor de *Royalties royalties* acumulado no ano 1999-2001.

Município	1999	2000	2001
Campos dos Goytacazes	48.460.781,43	87.092.941,18	118.236.702,42
Macaé	34.757.683,06	67.461.252,65	84.424.763,70
Rio das Ostras	17.654.899,17	36.510.215,78	48.044.104,82

Fonte: ANP – Agência Nacional de Petróleo

A distribuição de *royalties* influenciou no surgimento de novos municípios na região, tais como Quissamã, Carapebus e Rio das Ostras. Este se emancipou do município de Casimiro de Abreu em 1992 (NETO e AJARA, 2006).

Outra consequência direta da indústria do petróleo e gás é o aumento da oferta de empregos na região. Segundo Neto (2004), entre os anos de 1990 e 2000, Macaé apresentou um acréscimo de aproximadamente 50% de postos de emprego formal. A construção civil, o setor de ensino e o setor público apresentaram crescimento significativo na região. Em apenas 9 (nove) anos, o número de postos de trabalho no setor extrativista mineral em Macaé cresce cerca de 2.400 postos (TAB. 3). Verifica-se que a construção civil é outro setor que sofre mudanças, chegando a um crescimento maior do que 400% em Macaé.

Tabela 3: Postos de trabalho por setores da atividade econômica, nos municípios pertencentes à OMPETRO

Setores da atividade econômica	Cabo Frio		Campos dos Goytacazes		Macaé		São João da Barra	
	1991	2000	1991	2000	1991	2000	1991	2000
Extrativa mineral	1.370	650	265	154	8.077	10.496	59	2
Extração de petróleo e gás natural	0	0	0	0	7.971	10.432	0	0
Extração de outros minerais	1.370	650	265	154	106	64	59	2
Indústria de Transformação	888	641	9.953	5.096	1.413	4.390	1.039	486
Serviços Industriais de Utilidade Pública	268	261	650	574	433	89	69	3
Construção Civil	467	796	2.428	3.228	1.542	8.625	15	78
Comércio	3.023	6.232	7.018	12.965	2.262	6.239	178	317
Serviços	4.355	9.884	14.043	17.909	6.222	18.487	175	531
Ensino	230	816	668	3.110	197	1.033	0	33
Transportes e comunicações	644	1.250	4.821	3.800	1.677	5.024	12	15
Administração Pública Direta e Autárquica	3.911	4.334	614	5.450	2.150	6.153	1.593	822
Agropecuária, extração mineral e pesca	118	234	1.277	2.567	298	608	102	206
Total	14.400	23.032	36.248	47.943	22.397	55.087	3.230	2.445

Fonte: Piquet, (2003)

A partir da década de 1990, a região passa a atrair intensos fluxos migratórios. A TAB. 4 mostra a porcentagem de migrantes na região no ano 2000. Rio das Ostras possuía 36.419 habitantes em 2000, sendo que 14,28% vieram de outra região.

Tabela 4: População migrante residente nos municípios pertencentes à OMPETRO

Município	População Total (hab.)	População migrante (%)	
		Nacional	Exterior
Campos dos Goytacazes	407.168	3,29	0,08
Macaé	132.461	13,96	0,64
Rio das Ostras	36.419	13,85	0,43

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Censo Demográfico, 2000

A formação e a ocupação de Rio das Ostras

Rio das Ostras é um município que passou por um intenso processo demográfico, em um período muito curto. Como já foi visto anteriormente, na década de 1950, a população de Rio das Ostras localizava-se em sua maioria na zona rural, quando o Norte Fluminense e a Baixada Litorânea permaneceram basicamente como domínio da burguesia canavieira, sem representar alterações expressivas no ordenamento do território.

Na década de 1930 havia poucas residências em Rio das Ostras. As primeiras casas eram de sapê, apenas uma era de alvenaria e telhado de barro, de estilo colonial, talvez construída na mesma época da igreja e do cemitério, pelos jesuítas. Aos poucos, parte do mangue foi aterrado para a construção de casas, dando formação a uma pequena aldeia de pescadores, que sobreviviam principalmente das ostras pescadas no rio. (FUNDAÇÃO RIO DAS OSTRAS DE CULTURA, 1997). O crescimento da cidade deu-se próximo à foz do rio das Ostras, antigo rio Leriipe. Rio das Ostras, como rota de tropeiros e comerciantes rumo a Campos e Macaé, teve um progressivo desenvolvimento com atividade de pesca, sustentáculo econômico da cidade até os meados do século XX (PMRO, 2004).

Na década de 1950, os primeiros veranistas chegaram a Rio das Ostras e o seu território começa a ser dividido, com a criação de loteamentos (TAB. 5). A hipótese é que esses loteamentos eram voltados principalmente para a indústria do turismo, devido à sua localização próxima à praia e em lugares de grande beleza natural.

Tabela 5: Loteamentos aprovados nas décadas de 1950 e de 1960 em Rio das Ostras – 3º Distrito de Casimiro de Abreu

Ano	Loteamento	N.º de lotes (uni.)	Área mín.dos Lotes (m²)
1955	Sobradinho Cerveja	457	360
1956	Enseada das Gaivotas	1.420	602
1959	Bosque da Praia	108	540
1960	Jardim Bela Vista	997	360
1961	Jardim Mariléia	1.833	427
1965	Balneário Remanso	502	360

Fonte: Plantas aprovadas de loteamentos

Com a descoberta de petróleo na Bacia de Campos, são criados novos loteamentos em Rio das Ostras (TAB. 6). Apesar do grande número de criação de loteamentos, até a década de 1970, Rio das Ostras permanecia um município rural, como foi visto anteriormente.

Tabela 6: Loteamentos aprovados na década de 1970 em Rio das Ostras – 3º Distrito de Casimiro de Abreu

Ano	Loteamento	N.º de lotes (uni.)	Área mín.dos Lotes (m²)
1970	Recreio	1.036	360
1970	Cidade Praiana	3395	360
1972	Reduto da Paz	228	480
1974	Terra Firme	723	360
1976	Cantinho do Mar	90	360
1976	Extensão do Bosque	997	360
1977	Novo Rio das Ostras	-	360
1977	Ouro Verde	628	360
1977	Village Rio das Ostras	735	408
1978	Praia Mar	242	420
1978	Verdes Mares	384	375
1978	Residencial Praia Âncora	-	360
1979	Jardim Campomar	-	360
1979	Costazul	2.647	420
1979	Bosque da Areia	220	525

Fonte dos dados: Plantas aprovadas de loteamentos

A inversão na representação da população rural e urbana ocorre a partir da década de 1980, principalmente devido à indústria de petróleo e gás e à indústria do turismo. O início do processo de industrialização em municípios da Bacia de Campos gera o primeiro impulso à urbanização do espaço fluminense, produzindo a desruralização. No ano 2000, Rio das Ostras apresentou 94,9% de taxa de urbanização e 158,07 hab/km² (IBGE, 2000).

Segundo o IBGE (2000), a Taxa de Crescimento Populacional em Rio das Ostras foi superior à apresentada pelo Rio de Janeiro, no período de 1980 a 1990. Na TAB. 7 verificam-se as taxas de crescimento dos municípios da Bacia de Campos. Rio das Ostras apresentou, no período entre 1991 e 2000, 1,47% de crescimento vegetativo, sendo o município a apresentar a maior taxa média geométrica de crescimento anual (8,02%).

Tabela 7: Taxa média geométrica de crescimento anual, taxa líquida de migração e taxa de crescimento vegetativo – 1991/2000

Regiões de governo e municípios	Taxa Média Geométrica de Crescimento Anual (%)	Taxa Líquida de Migração (%)	Taxa de Crescimento Vegetativo (%)
Região Norte Fluminense	1,49	0,10	1,39
Campos dos Goytacazes	0,88	-0,56	1,43
Carapebus	2,02	1,15	0,87
Cardoso Moreira	-0,20	-0,85	0,65
Conceição de Macabu	1,14	-0,44	1,58
Macaé	3,93	2,23	1,69
Quissamã	3,01	1,37	1,64
São Fidélis	0,69	-0,23	0,92
São Francisco de Itabapoana	0,68	-0,23	0,91
São João da Barra	3,20	0,81	2,39
Região das Baixadas Litorâneas	4,31	2,83	1,48
Rio das Ostras	8,02	6,55	1,47

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Censo Demográfico, 2000

O município de Rio das Ostras possuía, em 1996, 7.850 domicílios particulares, dos quais 7.364 pertenciam à zona urbana (TAB. 8). Em 2000, o número de domicílios passa para 10.571 e, em 2007, para 24.053. Ou seja, há um crescimento em aproximadamente 127% no número de domicílios em apenas 9 anos (IBGE, 1996, 2000 e 2007).

Tabela 8: Domicílios Permanentes (unidades), por situação de domicílio, em Rio das Ostras

Rio das Ostras	1996	2000	2007
Urbana	7.850	10.043	23.614
Rural	486	528	439
Total	8.336	10.571	24.053

Fonte: IBGE, Contagem da População

Considerações Finais

O município de Rio das Ostras teve seu processo inicial de urbanização, a partir da década de 1950, quando começou a ter seu território dividido em loteamentos. A partir da década de 1970, sendo mais expressivo nas décadas de 1990 e 2000, sofreu um intenso crescimento demográfico. Podem ser destacados os seguintes fatores que influenciaram nesse processo: (i) reestruturação produtiva do Rio de Janeiro; (ii) construção da ponte Rio–Niterói e (iii) descoberta de petróleo na Bacia de Campos e a instalação da Petrobras em Macaé.

Com a instalação da Petrobras em Macaé e consequente aumento da oferta de empregos na região, Rio das Ostras deixa de ser apenas um local de passeio dos veranistas para ser cidade dormitório, local de moradia de pessoas que trabalham em Macaé, mas optaram por residir em Rio das Ostras.

Portanto, baseado no que foi exposto, a indústria do turismo foi o primeiro vetor de crescimento de Rio das Ostras, após a construção da ponte Rio–Niterói. Porém, o grande *boom* do processo de urbanização teve início com a descoberta de petróleo na Bacia de Campos e a consequente instalação da Petrobras em Macaé.

Referências

ANP. Agência Nacional de Petróleo. Disponível em: <www.anp.gov.br>.

ARAUJO, F. P. Migrantes ricos e migrantes pobres: as heranças da economia do petróleo em Macaé. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005. 40p.

AZEVEDO, H. J. de. Uma análise da cadeia produtiva da cana-de-açúcar na região Norte Fluminense. In: PESSANHA, R. M.; SOUZA NETO, R. Economia e desenvolvimento no Norte Fluminense: da cana-de-açúcar aos *royalties* do petróleo. Campos dos Goytacazes, RJ: WTC Editora, 2004.

FUNDAÇÃO RIO DAS OSTRAS DE CULTURA. Rio das Ostras: Terra dos Peixes. Prefeitura Municipal de Rio das Ostras, 1997.

IBGE. Contagem Populacional 1996. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>.

IBGE. Censo Demográfico 2000. Características da População e dos Domicílios. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>.

IBGE. Produto Interno Bruto dos Municípios: 1999-2002. Ministério do Planejamento, Orçamento. Gestão Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Contas Nacionais, 14, Rio de Janeiro, 2005.

IBGE. Censo Demográfico 2007. Características da População e dos Domicílios. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>.

MARICATO, E. Brasil cidades: ensaios para a crise urbana. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. 204p.

NETO, R. e S. A evolução do emprego formal na Região Norte Fluminense (1997-2004). In: PESSANHA, R. M.; NETO, R. S. Economia e desenvolvimento no Norte Fluminense: da cana-de-açúcar aos royalties do petróleo. Campos dos Goytacazes, RJ: WTC Editora, 2004.

NETO, A. de F. P.; AJARA, C. Transformações recentes na dinâmica sócio-espacial do Norte Fluminense. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 15., Minas Gerais, 2006. Anais... Minas Gerais: ABEP, 2006.

OLIVEIRA, F. J. G. de. Reestruturação produtiva, território e poder no Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 2008

PIQUET, Rosélia. Da cana ao petróleo: uma região em mudança. In: PIQUET, Rosélia (Org.). Petróleo, Royalties e Região. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. p. 219-38.

PMRO. Comissão de Estudos Ambientais. Estudos Ambientais. Rio das Ostras: Prefeitura Municipal de Rio das Ostras, 2003. 88p.

PMRO. Plano de Manejo da APA da Lagoa do Iriry. Rio das Ostras: Environ Consultoria e Projetos Ltda, 2004.

SILVA, R. C. R. S. da; CARVALHO, A. M. Formação Econômica da região Norte Fluminense. In: PESSANHA, R. M.; NETO, R. S. Economia e desenvolvimento no Norte Fluminense: da cana-de-açúcar aos *royalties* do petróleo. Campos dos Goytacazes, RJ: WTC Editora, 2004.